

UMA REVIRAVOLTA DO DESTINO

*April
Asher*

UMA REVIRAVOLTA

✦ DO ✦
DESTINO

*April
Asher*

Tradução
Solaine Chioro



TRECHO ANTECIPADO PARA DIVULGAÇÃO. VENDA PROIBIDA.

Copyright ©April Schwartz, 2025

Publicado em acordo com St. Martin's Publishing Group

Publicado originalmente nos Estados Unidos, em 2025, por St. Martin's Publishing Group, New York

Copyright © Editora Planeta do Brasil, 2026

Copyright da tradução © Solaine Chioro, 2026

Todos os direitos reservados.

Título original: *A simple twist of fate*

Preparação: Wélida Muniz

Revisão: Luana Negraes e Mariana Gomes

Projeto gráfico e diagramação: Renata Zucchini

Capa e ilustração: Luísa Fantinel

Ilustrações de miolo: Freepik

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Angélica Ilacqua CRB-8/7057

Asher, April

Uma reviravolta do destino / April Asher ; tradução de Solaine Chioro. – São Paulo : Planeta do Brasil, 2026.
352 p.

ISBN 978-85-422-4021-4

Título original: A simple twist of fate

1. Ficção norte-americana I. Título II. Chioro, Solaine

25-5574

CDD 813

Índice para catálogo sistemático:

1. Ficção norte-americana



Ao escolher este livro, você está apoiando o manejo responsável das florestas do mundo e outras fontes controladas

2026

Todos os direitos desta edição reservados à

Editora Planeta do Brasil Ltda.

Av. Paulista, 854, 2º andar – Bela Vista

São Paulo – SP – CEP 01310-913

www.planetadelivros.com.br

faleconosco@editoraplaneta.com.br

1

UM ADOLESCENTE É COMO UM VELOCIRAPTOR



Harlow “Harry” Pierce foi enfeitiçada, e não por um daqueles feitiços bobos em que se pode usar adesivo para espinhas e torcer para que o corretivo novo *cubra tudo*. Não, Harry não era melhor amiga da sorte, sequer eram conhecidas. Àquela altura, ela aceitaria uma rivalidade amigável com benefícios no lugar da realidade dura e fria.

Quem lançou a maldição fez pra valer, tirou-a de órbita ao passar a semana inteira atrapalhando sua carona para o trabalho, e depois tirou-a de combate com uma praga duas vezes mais potente: ser demitida da empresa que *ela* construía e sobreviver a uma intoxicação alimentar horrorosa. Seria de se pensar que ser demitida enquanto colocava as tripas para fora agradaria qualquer malfeitor, mas não.

Enganada pela falsa sensação de segurança, ela só viu a terceira pancada quando, depois de correr até a sala de correspondência, se viu trancada para fora do apartamento – vestindo pijama de shortinho com a frase *Wolf Girl Gone Wild* – e percebeu que a adolescente que deveria estar de castigo no quarto tinha sumido.

Mas não por muito tempo.

Saindo do metrô, Harry virou na Lafayette Street e foi em direção à rua Broome, com as pantufas de lobo com solas grossas protegendo-a tanto da quentura das calçadas de Nova York no verão quanto das poças questionáveis. Nem mesmo no SoHo estranharam seu traje noturno nem a bússola mágica iluminando a palma de sua mão enquanto ela usava magia de rastreamento para procurar a garota de dezesseis anos que logo estaria *mais* de castigo ainda.

Habilidades de localização não vinham a calhar com frequência. Um colar sumido aqui. Um vibrador perdido ali. No caso de seu serviço de organização profissional, suas magias escassas ajudavam a transformar lugares lotados e nada funcionais em espaços alegremente eficientes. Contudo, isso foi antes de ser chutada pelo comitê naquela tarde. Agora a maior parte de sua magia seria usada em seus deveres como guardiã de uma adolescente rabugenta, que tinha como objetivo de vida triplicar os cabelos brancos de Harry antes de ela chegar aos trinta e cinco.

A palma de Harry brilhou intensamente um segundo antes de a luz tremular e enfraquecer. A inquietação deixou seu estômago embrulhado enquanto ela encarava o prédio comum de tijolos vermelhos. Janelas pretas, que não viam um limpa-vidros sabia-se lá havia quanto tempo, tornavam impossível espiar o lado de dentro, e uma placa precariamente pendurada acima da porta verde antiga era a única indicação de que o lugar não fora abandonado havia eras.

Uma Promessa de Demônio. Corretora.

— Ah, de jeito nenhum. — Ela abriu a porta da corretora-demoníaca com tudo, com a inquietação anterior se transformando em determinação furiosa ao fuzilar com um olhar firme o demônio atrás do balcão. — Afaste-se da garota. Agora mesmo.

Duas cabeças se viraram em sua direção.

— Você só pode estar de brincadeira. — Grace soltou o bufo irritado que era sua marca registrada e curvou os ombros.

— Posso ajudar? — Os olhos reptilianos do demônio Quell treme-luziram quando ele analisou Harry com interesse cauteloso.

— Não, mas eu posso te ajudar te dando cinco segundos para jogar fora esse contrato antes que eu chame as autoridades sobrenaturais. Ela não vai precisar disso — disparou Harry.

Grace a encarou, sua expressão facial padrão de adolescente bem ali, demonstrada pela revirada de olhos exagerada e o bufo de escárnio.

— O que você está fazendo aqui?

— Impedindo que você faça algo que não possa voltar atrás. Fazer uma Promessa de Demônio não vai atrair nada além de problemas.

— Então, em outras palavras, não vai mudar nada.

O ser sobrenatural atrás do balcão pigarreou.

— Se eu puder interromper...

— Não pode — Harry e Grace disseram em uníssono.

Harry invocou seu melhor olhar de mãe, que ela reconhecia ser fraco pra caramba, considerando que só tinha um ano de prática, e colocou as mãos nos quadris largos.

— Não sei que tipo de operação duvidosa você está comandando por aqui, colega, mas...

— Eu comando um negócio legítimo. — Ele estufou o peito arredondado, o movimento tornando quase transparente sua camisa fina. — Não preciso recorrer a operações duvidosas.

— O que tem de legítimo em deixar uma menor assinar uma Promessa de Demônio? Porque, da última vez que conferi, a pena para isso era prisão perpétua nos poços de enxofre do Inferno.

O rosto de escamas vermelhas do demônio mais velho empalideceu para um rosa-escuro.

— Eu... eu não sabia.

— Agora você sabe. Então, como vai ser? — Ela ergueu o celular, tomando cuidado para não mostrar a tela apagada. Recebera o aviso de pouca bateria assim que saíra da estação de metrô, e a porcaria estava tão morta quanto sua vida amorosa, mas isso era algo que só quem a conhecia sabia. — Eu ligo para as autoridades, ou você vai ligar o picador de papel?

O demônio pegou o contrato diante de Grace e, com um olhar atravessado, se apressou por uma cortina de contas e foi para sala dos fundos. Harry esperou até a porta da sala ser batida para se virar para a adolescente feroz.

— Não acredito que você fez isso! — acusou Grace, irritada.

— E eu não acredito que você cogitou isso como opção! Em que droga você estava pensando... Quer dizer, você pelo menos chegou a *pensar*?

— Ele disse que podia ajudar.

— Ele diria qualquer coisa para conseguir sua assinatura naquele papel, Gracie, e com ou sem Lei Sobrenatural, assim que você tivesse assinado, não poderíamos fazer nada para reverter a situação.

— Quantas vezes tenho que te dizer que é *Grace*? Não Gracie. Nem Gracie Lou. G-R-A-C-E.

Umás cento e vinte. Quinhentas. Na verdade, não importava quantas vezes recebesse o lembrete, Grace sempre seria a bebê de três anos que Harry conheceu quando, treze anos antes, fora atrás do anúncio de alguém procurando uma pessoa com quem dividir a casa.

Harry apontou para a porta.

— Vamos. Em casa a gente conversa.

Grace deu uma olhada na roupa de Harry, parando em seus pés de pata de lobo.

— Eu *não vou* andar perto de você usando isso.

— Por quê? Vergonha? Ótimo. Então eu vou andar colada em você para ninguém duvidar de que estamos juntas. Afinal de contas, se você ficasse no seu quarto, onde deveria estar, eu não teria que rodar a cidade usando pijama. — Ela apontou de novo para a porta. — Agora anda logo, antes que eu decida que cantar “Hungry Like the Wolf” a plenos pulmões seja uma ótima forma de passar o tempo até chegar em casa.

Grace estreitou os olhos.

— Nem você pagaria um mico desses.

— Ah, é? Se mexe, garota, ou eu vou fazer questão de ir pelo caminho mais longo só por diversão. — Harry cumpriria o prometido, e já

se desculpava mentalmente com os coitados que estavam prestes a sofrer ouvindo sua cantoria.

Dessa vez, na volta para Brooklyn Heights, ela recebeu umas olhadas e duas pessoas cantaram junto com ela, uma no metrô, onde Grace parecia pronta para se jogar pela janela de emergência mais próxima. O tempo todo, Harry formulava um plano e um discurso, e torceu muito para não dizer alguma idiotice.

Na verdade, ela não precisava ser amaldiçoada para meter os pés com pantufas de lobo pelas mãos. Ao contrário da maternidade, esse dom vinha naturalmente, ainda mais ao lidar com uma adolescente cujo ser sobrenatural interior havia decidido que não estava mais contente em se manter confinado na forma humana. Fora os mistérios da genética, sua melhor amiga, Cassie, fazia a maternidade parecer fácil, e foi por isso que Harry concordara em ser guardiã temporária de Grace enquanto Cassie tentava rastrear seu primeiro e único caso de uma noite e exigir respostas.

Acharam que demoraria um mês, então um mês virou dois, depois dois se transformaram em seis. Agora, mais de um ano depois, Harry lamentava a morte do seu título de Harry, a Tia Legal, e aceitava cautelosamente a atitude hostil, reviradas frequentes de olhos, as bufadas irritadas que vieram com sua nova...

Adolescente Destruidora de Alegria.

Nunca demonstre fraqueza. As palavras de despedida de Cassie ecoavam em sua mente. *Adolescentes são como um VELOCIRAPTOR. Quando sentem cheiro de sangue, atacam para matar.*

Harry parou de cantar Duran Duran quando Grace destrancou a porta, e, no segundo que entraram no aconchegante apartamento de dois dormitórios e fecharam a porta, a adolescente foi direto para o quarto.

— A gente precisa conversar sobre o que aconteceu. — Harry firmou a voz e cruzou os dedos para que não vacilasse.

Grace apontou para as próprias orelhas.

— Não consigo te ouvir. Estou escutando música. Alguma coisa gravada neste século.

Harry evocou sua magia e puxou o fone verde do ouvido esquerdo de Grace.

— A Pink ainda vai existir daqui a alguns minutos, e aí você vai poder voltar a me ignorar. Mas, primeiro, a gente vai ter uma conversa de verdade.

Pela deusa. As palavras de sua mãe de alguma forma se transportaram através do tempo ou do espaço, e através da cova arqueológica de seus pais a mais de nove mil quilômetros dali, e voaram de sua boca. Ela estaria orgulhosa pra caramba.

Uma fagulha suave e dourada brilhou nos olhos normalmente castanhos da garota, um sinal de que seu ser sobrenatural interior estava perto da superfície.

— Pink tem mais a ver com *você*. E estou escutando música para que eu não *precise* continuar conversando.

— Em primeiro lugar, não use meu amor pela Pink como um traço de personalidade negativo. É desnecessário e completamente grosseiro. E até um pouco ofensivo.

— E em segundo lugar? — Grace inclinou o quadril para o lado. — Se tem um primeiro, quer dizer que tem um segundo.

Adolescente espertinha.

— Eu ainda estou pensando.

O olhar de Harry se desviou para a correspondência que estava sobre a mesa da cozinha e o envelope de papel pardo muito distinto que estava por cima... e não onde ela o havia deixado.

As coisas começaram a se encaixar aos poucos.

Ela recebera uma notificação da escola de Grace naquela tarde: a direção havia oficialmente estendido a suspensão por tempo indefinido. Foi só colocar fogo em *um* laboratório de química, sem querer, e eles ficaram todos estressadinhos... mas se acrescentar essa infração a uma lista de muitas, eles até tinham justificativa. Uma bem fraca, mas...

Ignorando a pontada de incerteza agitando seu estômago, Harry ergueu o queixo.

— Não vamos desistir, Grace. E talvez educação domiciliar não seja uma ideia tão ruim enquanto...

— Eu estiver tacando fogo nas coisas? — A adolescente arqueou uma sobrancelha escura, seu tom de voz envolvido em sarcasmo.

— Enquanto ponderamos todas as opções.

— Não temos mais opções, Harry. Ainda mais agora que meu nome deve ter sido banido por todo corretor de Promessa nos três estados.

— *Isso* nunca foi uma opção nem nunca vai ser. — Harry forçou um sorriso esperançoso. — Eu pedi uma reunião com Alpha Cho, da alcateia de Salem, em Massachusetts, e assim que tiver uma resposta, podemos...

— Sair em outra viagem inútil. Ótimo. — Grace revirou os olhos, puxando o fone da mão de Harry. — O que te faz acreditar que eles podem ajudar se ninguém mais pôde? Nem mesmo os conventículos? Visitamos dezenas de grupos sobrenaturais por toda a costa leste, e todos deram de ombros e nos mandaram embora.

— Não *todos*. O conventículo perto de Vermont deu a terceira confirmação de que estamos *mesmo* lidando com uma transformação interna. Tem alguém por aí que pode ajudar. A gente só não encontrou esse alguém ainda — anunciou Harry, taxativa.

— Bom, é a vez de eles procurarem, porque eu estou ficando bem cansada disso.

Grace se virou para o curto corredor que levava ao seu quarto, e cada passo deixava a boca de Harry mais seca.

O tempo estava acabando, e Harry sentia uma dor do caralho ao engolir em seco o nó na garganta.

— Minha tia Nora nos convidou para ir morar com ela... e acho que precisamos ir.

Grace se virou, seus olhos escuros se arregalaram.

— A tia Nora que mora na puta que pariu do Colorado?

Harry lançou um olhar de reprovação para ela.

— É *Fates Haven*, no Colorado, e é melhor limpar essa sua boca suja perto da Nora.

— Então você já decidiu que nós vamos? Sem termos uma “conversa” sobre o assunto? Sem fazer lista de prós e contras? A Harry toma uma decisão e ponto-final? E o seu trabalho? E minha mãe?

— Meu trabalho não é mais problema, e sua mãe e eu conversamos sobre a possibilidade de ir para o Colorado na última vez que ela entrou em contato. — O que acontecera havia quase um mês... não que Harry estivesse contando.

Ao que parece, conseguir ingressos para o show da Taylor Swift era mais fácil do que a Cassie conseguir rastrear o ser sobrenatural praticamente sem nome que amava rock antigo e vivia fora do radar.

Grace riu com escárnio.

— Ótimo. Então só eu que não sabia. Melhor ainda.

— Olha, eu não dei certeza pra tia Nora, mas acho que é algo que devemos considerar de verdade.

Fagulhas minúsculas cintilaram nas pontas dos dedos de Grace, rapidamente se transformando em uma chama azul e rosa estável. Grace e Harry tinham aprendido um tempo antes que o fogo de Grace não machucava, mas o estrago que fazia ao seu redor era outra história.

— Argh. Por que isso continua *acontecendo*? — grunhiu Grace.

Harry manteve a voz calma.

— Lembre-se dos exercícios de respiração que o conventículo de Savannah te ensinou. Inspira por quatro segundos. Segura. Expira por seis.

— Não tá funcionando. — Em pânico, Grace encarou as mãos completamente envolvidas por fogo. Havia uma mancha dourada em seus olhos. — Está crescendo. Continua aumentando!

— Olha para mim, não para suas mãos — ordenou Harry, gentilmente, dando um passo adiante. — Respira.

— Fica longe. Não quero te machucar. — Grace deu um passo rápido em direção à janela, o peito subindo e descendo depressa com a respiração acelerada. — Tá vendo? Foi por *isso* que fui à Promessa

de Demônio. Preciso que tirem isso de mim antes que eu machuque alguém... ou pior.

— Querida, não tem como tirar isso. Você precisa respirar, e me deixa te ajudar.

Harry esticou o braço na direção de Grace, mas a jovem se afastou, com as mãos cobertas por fogo chegando perto demais da cortina.

Uma única fagulha dançou pelo pequeno espaço e pousou no tecido grosso de algodão. Harry observava com fascinação horrorizada a faísca se transformar em labareda, iluminando toda a janela mais depressa do que qualquer bruxa poderia dizer abracadabra.

O grito de desespero de Grace fez Harry agir segundos antes de o alarme de incêndio disparar. Quando ela foi até o armário sob a pia da cozinha e voltou de lá com o extintor, o fogo saltara de uma cortina para outra.

— Se afasta!

Ela puxou uma jovem assustada, e agora sem chamas, para longe do fogo que aumentava, e tirou o pino de segurança.

Em menos de dez segundos, uma névoa branca e grossa cobriu o apartamento inteiro, mas Harry o usou até o fim, fazendo parecer que tinha nevado lá dentro.

Cinco minutos depois, estava segurando uma notificação de despejo que provava que seu senhorio não estava brincando quando esbravejou que “um terceiro acidente, ou incêndio, no seu caso, em uma semana, e vocês estão fora”; ela colocou o celular desligado no carregador e conseguiu fazer a primeira ligação.

— Oi, tia Nora. — Mantendo o olhar na adolescente de dezesseis anos, que estava quieta demais a quase um metro dali, Harry soltou um suspiro resignado ao ouvir o cumprimento gentil da mulher mais velha. — Aquela proposta de ir para casa ainda está de pé?

— Essa proposta nunca expira, querida. — A voz melódica e familiar da bruxa mais velha fez lágrimas brotarem nos olhos de Harry. — Venham, você e minha nova sobrinha, *para misturar um copo de água, um copo de maionese e uma colher de chá de baunilha.*

Harry pestanejou, tentando conectar as palavras sem sentido quando se deu conta...

O Juramento de Bruxa.

Aquele que ela obrigara Nora a fazer antes de sair de Fates Haven. Aquele que impedia que Nora compartilhasse qualquer coisa sobre a cidade ou seus habitantes com Harry e, em vez disso, cantarolasse receitas aleatórias.

Nora suspirou, sua frustração com o juramento palpável até mesmo através do telefone.

— Se você voltar para casa para comer bolo de maionese de chocolate, talvez possamos reavaliar essa coisinha de juramento, né?

Harry fez careta.

— Talvez.

— Existe cura a ser feita, Harlow Pierce, e a mistura de cacau e açúcar estará aqui para ajudar.

— A gente se vê em alguns dias. — Harry engoliu o nó de emoções que se formava na garganta. — E, Nora...

— Sim, querida?

— Vamos manter isso em segredo, tudo bem? Nada de anúncios de página inteira no *Haven Herald*. Sem fazer live.

— Tudo bem, mas um desfile ainda é opção, certo?

— Ah, não.

Nora ficou quieta demais.

— Tia Nora? — instigou Harry.

— Hum?

— Eu falei sério. Nada de fanfarras.

— Sim, querida. Eu compreendo... mas você entende que bolo de maionese de chocolate ainda é bolo de maionese de chocolate, certo?

Harry suspirou. Não tinha como ela esquecer.


— Eu sei.

Nora não precisava anunciar nada no jornal da cidade, nem ir a uma loja de artigos de festa, nem organizar um desfile para que os cidadãos de Fates Haven descobrissem que a Bruxa Pierce Fujona tinha


voltado para a cidade. Os transmorfos rapidamente a farejariam. As bruxas sentiriam sua magia. E os vampiros a veriam quilômetros antes de ela atravessar as fronteiras do subúrbio sobrenatural de Denver.

E isso se as videntes já não tivessem previsto sua chegada.





Uma bruxa e um transmorfo ganham uma segunda chance no amor nesta comédia romântica paranormal de tirar o fôlego.



A jovem bruxa **Harlow “Harry” Pierce** participou da sua primeira Cerimônia de Descoberta de Fates Haven certa de que o fogo-fátuo a levaria ao seu pai predeterminado, seu namorado transmorfo puma, Jaxon Atwood. Contudo, o destino tinha outros planos, levando a sua melhor amiga até ele. Com todos os seus pertences e a promessa de nunca mais voltar para a cidade, Harry fez a única coisa que uma bruxa de coração partido poderia fazer: fugiu.

Treze anos depois, ela retorna à sua cidade natal mágica com Grace, sua afilhada — meio humana, meio transmorfa — na esperança de que a cidade não apenas exerça sua magia sobre a adolescente problemática, mas que o alfa da matilha das Montanhas Rochosas possa ajudar Grace a conhecer — e manejar — suas habilidades, digamos, um pouco quentes demais.

Jaxon Atwood era um transmorfo de poucas palavras e ainda menos paciência... até que sua mãe se aposentou como alfa da matilha e o deixou responsável por tudo — uma dor de cabeça de que ele não precisava. Além disso, ele reencontra a bruxa que partiu o seu coração batendo novamente à sua porta.

Desde o desaparecimento da Bruxa do Destino da cidade, há mais de uma década, a magia de Fates Haven vem lentamente perdendo a sua força, o que pode colocá-la em sério risco de perder o título de maior porcentagem global de almas gêmeas. Só que agora Fates Haven enfrenta um mistério que tem cheiro de passado, gosto de mudança e que vai causar uma reviravolta no destino de todos!



 essência



9 788542 240214